

COMO OS JOVENS ESTUDANTES ENCARAM SEUS COLEGAS HOMOSSEXUAIS NA ESCOLA: REFLEXÕES NECESSÁRIAS PARA A SUPERAÇÃO DA INTOLERÂNCIA.

Ednaldo Andrade Barros

Mestrando em Educação Culturas e Identidades pela UFRPE/FUNDAJ, Professor das Redes Municipais de Ensino de Recife-PE e São Lourenço da Mata-PE, Membro do grupo de estudos da Transdisciplinaridade, infâncias e juventudes-GETIJ. -barrosed@hotmail.com

Hugo Monteiro Ferreira

Doutor em Educação pela UFRN, professor do Departamento de Educação da UFRPE/PPGECI/GETIJ-Recife-PE. hmonteiroferreira@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho investiga as relações entre jovens estudantes dos últimos anos do Ensino Fundamental e teve como objetivo principal entender como os jovens estudantes encaram seus colegas homossexuais e como se dá o convívio entre eles e os comportamentos motivados pelo *bullying* homofóbico na escola. O estudo é fruto de um recorte da nossa pesquisa de mestrado que analisou a atuação da escola frente ao fenômeno *bullying* homofóbico com meninos. Utilizamos uma abordagem qualitativa e aplicamos como metodologia a observação participante e como técnica de coleta/construção de dados lançamos mão da aplicação de um questionário. Participaram do estudo 96 estudantes do gênero masculino estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental com idades entre 11 a 16 anos. Para análise dos dados apoiamos-nos na análise do conteúdo. Como principais resultados podemos citar: que o preconceito ainda é muito latente entre os jovens, que o padrão heteronormativo ainda acaba ditando as regras de convivência no espaço escolar assim como o *bullying* homofóbico tem se mostrado como uma das formas mais concretas de intolerâncias nos espaços educativos. E que o processo de resistência à homofobia ou ao *bullying* homofóbico na escola acontece em grande parte, sem a participação da escola enquanto instituição. A partir do exposto pode-se concluir que necessário e urgente a discussão acerca da sexualidade de forma geral e especificamente da homossexualidade numa perspectiva do direito à dignidade humana e que os jovens precisam ser ouvidos. Eles mais que ninguém podem apontar caminhos para a convivência pacífica entre os seus pares reconhecendo e respeitando as diversidades existentes entre eles.

Palavras-chave: Escola, Jovens, Bullying homofóbico, Preconceitos, Intolerância, Superação.

Introdução

A questão da homossexualidade quase nunca foi um tema bem-vindo nas escolas brasileiras. Normalmente a sexualidade de uma forma geral, é trabalhada no viés da educação sexual com um olhar apenas para a reprodução ou em alguns casos, discussões acerca das infecções sexualmente transmissíveis-ISTs e de forma muito aligeirada numa demonstração explícita de desconforto com a possibilidade de rompimento como a lógica heteronormativa.

Não pretendemos com essa afirmação negar o trabalho de estudiosos (as) e/ou profissionais que fizeram o papel de fissuras num sistema fechado ao longo dos tempos e

permitiram a transgressão aos modelos engessados de se pensar a sexualidade numa lógica plural.

Vivemos uma época demarcada pelo crescimento ou escancaramento das ideias conservadoras na nossa sociedade e a escola acaba recebendo essas influências sem falar que há movimentos específicos que atuam ou tentam atuar nos espaços escolares contra a diversidade de forma geral e especificamente contra a diversidade sexual. Assistimos na esfera federal, estadual e municipal o movimento contra as discussões de gênero nas escolas o plano nacional de educação retirou do seu texto lei as discussões de gênero nas esferas educativas e Base nacional curricular comum retira a homofobia como um preconceito a ser trabalhado nas escolas.

Nesse contexto, torna-se ainda mais urgente e necessário as mais diversas formas de resistência e o estudo dos fenômenos sociais sem dúvida é uma forma de resistir. As pessoas homossexuais existem e não podem ser ignoradas. Elas estão na escola e a escola precisa olhar para esses jovens com olhar de respeito e garantir-lhes um lugar minimamente seguro para que possam se desenvolver plenamente em conformidade com a constituição brasileira e o estatuto da criança e adolescente –ECA. O que temos assistido em muitas escolas por todo Brasil e pelo mundo afora é o crescimento de formas de violência contra esses estudantes. Essas violências têm se transformado em um problema muito grave que a educação brasileira precisa enfrentar de forma crítica e responsável. A diversidade sexual precisa ser abordada na escola como temática natural do desenvolvimento das pessoas. A sexualidade é uma instância muito importante na vida das pessoas e uma escola preocupada com formação integral dos seus estudantes não pode ignorar essa instância do humano

Para Pereira (2012, p. 204),

É certo que a sexualidade humana figura como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre, mais recusados na ação prática do professor. Entretanto, cada vez mais a escola tem sido convocada a enfrentar as transformações das práticas sexuais contemporâneas, uma vez que seus efeitos se fazem alardear no cotidiano escolar.

Dito de outra forma, é precioso que a escola assuma o compromisso de lidar efetivamente com o diálogo, formação e construção de uma cultura de paz e respeito à diversidade

Temos feito observações nas escolas e leituras de pesquisas e estas têm mostrado que nestes espaços a homofobia tem se expressado por meio de agressões verbais e/ ou físicas a que estão sujeitos estudantes que não se adequam à heteronormatividade.

Nesse contexto, o termo *bullying* tem sido utilizado para nomear a violência sofrida por

alunos (as) no ambiente escolar, e o termo *bullying* homofóbico tem sido utilizado para nomear especificamente a violência sofrida por alunas (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais. Inclusive, adotamos esse termo em nossa pesquisa de mestrado.

O norueguês Dan Olweus, que define o termo *bullying* como a exposição repetitiva de um (a) estudante a ações de agressão (físico e/ou verbal) por parte de uma ou mais pessoas com a intenção de infringir dano ou desconforto sobre a vítima (OLWEUS, 1993). Acreditamos que o conceito de *bullying* aqui no Brasil ainda está sendo construído a partir das pesquisas realizadas acerca da temática e a partir das críticas que são feitas quanto à questão da limitação da expressão para justificar o fenômeno.

A partir do exposto apresentamos os objetivos deste estudo:

Objetivo geral: compreender como os jovens estudantes encaram os seus pares que são declarados ou percebidos como homossexuais e como lidam com o fenômeno *bullying* homofóbico na escola. E como objetivos específicos, propomos:

- ✓ Analisar o nível de envolvimento de estudantes não homossexuais com estudantes homossexuais;
- ✓ Entender como os jovens se colocam frente ao fenômeno *bullying* homofóbico e/ou homofobia no espaço escola;
- ✓ Refletir sobre o papel da escuta desses jovens na construção de ações por parte da escola contra a intolerância.

Metodologia

A proposta metodológica foi desenhada a partir da concepção da pesquisa qualitativa por acreditarmos ser esse modelo o mais adequado com o nosso objetivo de estudo, pois Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Esse tipo de pesquisa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Para Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Na coleta de dados, a partir da observação participante, aplicamos a um questionário com 96 estudantes do sexo masculino com idades entre 11 a 16 anos. O questionário era

composto por dez questões sendo sete objetivas e três discursivas.

Adotamos como ferramenta metodológica para análise dos dados, a análise de conteúdo com intuito de tornar mais completa as análises e entender os resultados do estudo a que nos propomos. Recorremos a Bardin (1997), que define de forma clara tal ferramenta. O autor elucidada que:

o termo análise de conteúdo designa um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1997.p.42).

Seguir este caminho nos propiciou compreender com mais clareza os dados obtidos nas respostas do questionário. Alguns dos participantes nos procuraram durante a aplicação do questionário e informaram que não queriam responder algumas perguntas. Acolhemos todas as solicitações e colhemos todas as informações que julgamos necessárias e relevantes para o a construção do estudo.

Resultados e Discussão

O estudioso Qian Tang, diretor geral adjunto da Unesco traz no prefácio de um estudo Sobre o *bullying* homofóbico, publicado aqui no Brasil em 2013 uma afirmação que consideramos muito clara e que consegue materializar essa forma de violência que tem sido mais comum do que imaginamos nas escolas do Brasil e do mundo. Para ele :

O bullying homofóbico é um problema global. É uma violação dos direitos de alunos e professores que impede a nossa capacidade coletiva de alcançar uma Educação para Todos de boa qualidade. Contudo, até recentemente suas causas e efeitos tinham recebido pouca atenção. Isso se deve em parte a sensibilidades específicas do contexto, mas também à falta de reconhecimento e compreensão do problema. Este caderno de boas políticas e práticas visa permitir que professores, administradores, formuladores de políticas e outros atores da área de educação desenvolvam ações concretas para tornar a educação mais segura para todos. (Qian Tang, Ph.D. diretor-geral adjunto da UNESCO para a Educação. Brasília: UNESCO, 2013.)

E é com a gravidade de um problema global ele deve ser encarado se realmente desejarmos uma escola melhor para todos (as).

Nessa perspectiva, Se clicarmos no dicionário online Michaelis, encontraremos o termo preconceito definido como o contexto social como atitude emocional, que é baseada em crença ou opinião que determina a afinidade ou aversão a indivíduos ou grupos. Já na visão ótica do filósofo Bobbio, o preconceito é gerado por uma opinião ou um conjunto de opiniões, às vezes até mesmo uma doutrina completa, que é acolhida

acrítica e passivamente pela tradição, pelo costume ou por uma autoridade de quem aceitamos as ordens sem discussão: acriticamente e passivamente, na medida em que a aceitamos sem verificá-la, por inércia, respeito ou temor, e a aceitamos com tanta força que resiste a qualquer refutação racional. [...] Por isso se diz corretamente que o preconceito pertence à esfera do não racional, ao conjunto das crenças que não nascem do raciocínio e escapam de qualquer refutação fundada num raciocínio. (BOBBIO, 2002).

Partindo desse ponto de vista, podemos inferir que o preconceito advém e vai se constituindo da falta de criticidade das pessoas. Dessa forma, ao longo do tempo o preconceito foi manifestando de diversas formas, dentre eles o racial, sexual e social. De algum modo podemos dizer que isso pode ser originado das experiências advindas de uma cultura em que a sociedade era conduzida por classes dominantes e hegemônicas. Nesse sentido, qualquer grupo que diferenciasse da normalidade aferida por essa classe era discriminada como as classes menos favorecidas, o negro, os homossexuais etc.

No caso do contexto escolar, as consequências desses preconceitos são os vários problemas das mais distintas ordens como emocionais, sociais e de aprendizagem, já que os indivíduos que não se encaixam no padrão estabelecido pela maioria têm que suportar a pressão da sociedade por não serem aceitos e muitas vezes uma pressão até por não aceitarem a si mesmos. “Se as formas mais sutis de homofobia denotam uma tolerância em relação a lésbicas e gays, isso só é feito atribuindo-se a esses sujeitos um lugar marginal e silencioso, o de uma sexualidade considerada incompleta ou secundária.” (BORRILLO, 2010). No caso dos estudantes isso tem reflexo direto na aprendizagem.

Pode-se afirmar que o bullying homofóbico é um tipo de bullying motivado pela orientação sexual ou identidade de gênero real ou percebida da vítima. E que as vítimas já lidam com isso em outros espaços, mas na escola onde se isso se agrava por ser na escola um lugar onde convivem mais tempo.

No espaço escolar o preconceito também ocorre e é manifestado por brincadeiras, ofensas e muitas vezes na forma de agressões físicas, sempre buscando inferiorizar o outro. Ainda Borrillo (2010) afirma que para os homofóbicos seria inadmissível que se concedesse aos homossexuais direitos iguais, o que acabaria acarretando na quebra da hierarquização, onde a heteronormatividade se encontra no topo. Assim, a homofobia se encontra em vários ambientes sociais e pode abrir espaços para a prática do *bullying* homofóbico. A não aceitação aos homossexuais ocorre frequentemente no âmbito familiar e escolar. Em algumas famílias, quando se descobre que o (a) filho é homossexual, a situação se torna constrangedora, em

alguns casos violentas e de difícil entendimento. Ao invés da família conviver com essa diferença, apoiando o indivíduo, ela apresenta atitudes homofóbicas e preconceituosas.

Nesse cenário, observa-se que a escola pode auxiliar a família sensibilizando-a e informando-a sobre a orientação sexual, bem como trazer à tona um trabalho voltado para a educação para a diversidade, aprendendo a respeitar o que for “diferente” de nós. Não será invisibilizando a diferença que a escola ajudará na construção de uma sociedade que conviva pacificamente com os diferentes e mais, que seja capaz de lutar juntos (as) pelos direitos de todos (as).

As leituras de pesquisas nos trazem a informação de que precisamos avançar muito na construção de uma escola da alteridade. Estudos em Viana e Ramires (2008), revelam que o brasileiro ainda não é tolerante com as preferências sexuais de familiares, de colegas de trabalho ou de vizinhos. Se vivemos numa sociedade democrática, devemos lutar pelas garantias dos direitos de todos os cidadãos.

Entendendo a escola como sendo uma instituição que tem a função social imbricada no educar, acreditamos que ela precisa trabalhar projetos voltados para as questões de gênero, sexualidade e educação, desde a educação infantil, uma vez que é sabido por todos que no âmbito social ainda se propaga regras que não são mais consideradas corretas (ou hegemônicas) como escolher o azul para os meninos e rosa para as meninas, menino não arruma cozinha e a menina não pode brincar de carrinho. (LOURO, 1997). Questões simples como estas aqui destacadas colaboram para o preconceito e estereótipos que causam sofrimentos e exclusões.

Comungamos com os pensamentos de Lionço e Diniz (2009), quando afirmam que fica à responsabilidade da escola não somente a transmissão de conhecimento, mas também a função de promover a cidadania. Nesse sentido, é na escola que se pode conhecer e aprender a lidar com a diversidade social, pois é neste espaço assim como dentro da família que aprende-se a respeitar o próximo e suas diferenças.

A escola onde realizamos nossa pesquisa empírica nos apresenta um pouco desse quadro, onde o corpo docente se diz despreparado, os/as gestores/as afirmam que a escola consegue trabalhar o tema por meio de projetos. No capítulo dos resultados trataremos detalhadamente os resultados encontrados na pesquisa e as análises à luz do referencial teórico escolhido para o nosso estudo.

Os posicionamentos dos estudantes sobre o *bullyin* homofóbico

Para alcançarmos os objetivos propostos no estudo, aplicamos um questionário com os

estudantes do sexo masculino uma vez que são eles os sujeitos da nossa pesquisa. Participaram desta etapa da pesquisa 96 estudantes com idades entre 11 e 15 anos dos últimos quatro anos do ensino fundamental.

Ao aplicarmos o questionário informamos aos estudantes que se tivesse alguma questão que eles não se sentissem a vontade para responder não haveria problema nenhum e que se tivesse alguma palavra ou expressão que eles não entendessem poderiam pedir esclarecimentos.

A primeira pergunta questionava se eles consideram a homossexualidade um problema. Um considerável número de participantes (46 estudantes, ou seja, 47.51% dos entrevistados) afirmou que sim. Podemos entender as respostas a essa questão pelo menos em duas linhas de raciocínio: a primeira que eles achem a homossexualidade em si uma coisa ruim e a segunda, eles acharem que a pessoa que é homossexual passa por muitas dificuldades frente à sociedade e isso ser um problema. Em qualquer uma das hipóteses fica claro que essa é uma questão que precisa ser discutida na escola.

Sobre a escola e o diálogo sobre uma educação para todos (as), a recomendação de número 30 da carta da conferência internacional denominada: por uma educação transformadora - os sete saberes da educação para o presente - ocorrida em Fortaleza - Ceará - Brasil na data de 24 de setembro de 2010 afirma que :

Medidas curriculares, organizacionais, gerenciais, metodológicas e formativas capazes de garantir o cultivo de uma cultura permanente de paz e não-violência devem ser privilegiadas. Entendemos que a educação para a paz, a cidadania planetária e os direitos humanos constituem aspectos fundamentais para a concretização pedagógica e curricular de uma educação para o desenvolvimento da compreensão da condição humana e da consciência sociopolítica. (CARTA DE FORTALEZA, 2010, p. 5 e 6).

A recomendação é que as escolas encontrem maneiras de diálogos que construam pontes entre as necessidades dos estudantes e os objetivos formais da instituição.

O segundo questionamento foi saber de eles abririam a orientação sexual para os colegas caso fossem homossexuais. 78 (81,91%) responderam que sim. Interessante destacar que todos que afirmaram ser a homossexualidade um problema disseram abrir a orientação para os colegas o que fortalece a hipótese de que ser um problema não é entendida por eles como algo ruim, mas passar por dificuldades.

Quando perguntados se haviam sido já foi vítima de perseguição na escola por ser ou aparentar ser homossexual? Todos os participantes responderam não. Inclusive os dois

meninos que estavam sendo vítimas do bullying. Percebemos nas respostas deles a negação como forma de atenuar ou uma dificuldade aceitar o que está ocorrendo.

O que você faria se presenciasse alguma cena de *bullying* homofóbico num ambiente escolar (no banheiro, por exemplo), foi questionado de maneira aberta. Eles deveriam escrever o que fariam.

Como respostas a essa pergunta que apareceram com maior frequências foram: Procuraria a diretora; conversaria com quem estava fazendo o bullying; diria a meus pais, procuraria uma professora, ficava na minha não faria nada.

Não fazer nada foi a resposta de 18 participantes (18.75%) um número considerável para o universo dos pesquisados mais uma mostra de que a escola necessita tratar dessa temática de forma mais sistematizada. Ao dizer que não faria nada o estudante afirma no mínimo duas coisas: não se incomodar com o sofrimento do outro ou temer ser agredido também. Nas duas situações a escola precisa atuar.

Perguntamos também se eles mudariam de sala por ter um colega homossexual. 10 (10.41%) afirmaram que se houvesse a possibilidade mudariam sim, de sala enquanto 86 (89.58%) afirmaram não mudar de sala por ter um colega homossexual. Temos aqui a continuidade da questão da resistência ao diferente, Mas também não podemos descartar a possibilidade de que dentro dos que responderam que trocariam de sala podem ter como razões o incomodo com as brincadeiras de mau gosto que os estudantes homossexuais são vítimas. Então para não terem que viver esses momentos tensos, preferem mudar de sala.

Foi perguntado também sobre quais comportamentos você considera errados para um estudante homossexual no ambiente escolar. Como respostas mais citada temos:

“Falar das partes íntimas dos homens; ficar rebolando; falar gesticulando com as mãos; dar em cima dos meninos; achar que todo mundo é igual a eles; querer ser mulher; vestir roupas de mulher.”

Constatamos nessas respostas o repúdio ao que é do feminino no masculino. Os meninos não aceitam que meninos tenham comportamento “de meninas” porque isso diminui suas masculinidades. Conforme Coonnell (1995), a forma hegemônica tem outras masculinidades agrupadas em torno dela, visto que existem diferentes formas de usar, sentir e mostrar os corpos masculinos.

Ainda podemos destacar que esses meninos estão se formando dentro da lógica da

cultura patriarcal. Sobre esta questão Sabo (2002), destaca:

As culturas patriarcais definem a masculinidade como um ideal e, como tal, é um ideal não alcançável. Os esforços da maior parte dos homens para se conformarem ao ideal de masculinidade são como tentar subir uma montanha que não tem topo- eles lutam com determinação, mas nunca chegam. No entanto, os esforços dos homens em se confrontarem à masculinidade ideal também se vinculam à reprodução da ordem maior do gênero. (Sabo,2002,p.40).

Quando questionados sobre se conheciam algum adolescente que sofre *bullying* homofóbico na escola, 85 estudantes (89.58%) afirmaram sim. Eles conheciam os casos de *bullying* na escola. Temos aqui uma questão muito grave. Esses estudantes convivem num ambiente onde detectam o *bullying*. Certamente isso tem impacto na formação deles. Estão vendo o que é aceito e o que não é aceito e assim sendo vai haver um esforço muito grande para se enquadrar ao que é aceito pela maioria. Acontece que tem algumas pessoas com traços identitários muito fácil de serem percebidos como, por exemplo, a forma de andar, falar, e aí não conseguem entrar no padrão definido e vai facilmente tornar-se alvo das perseguições e do *bullying* homofóbico.

Segundo a UNESCO (2013), Os autores de *bullying* homofóbico costumam ser alunos, mas em alguns casos também podem ser professores ou outros funcionários da escola. Uma pesquisa realizada pela organização Helem em cinco universidades do Líbano constatou que alunos tinham sofrido *bullying* homofóbico de colegas e funcionários, incluindo assédio, chantagem e privação de direitos acadêmicos. Um estudante ouviu do professor universitário “Não posso aceitá-lo na minha aula”, após o quê foi isolado pelos outros alunos.

Quando foi perguntado se eles achavam que as escolas de forma geral sabiam lidar com a violência que os estudantes homossexuais sofrem dentro da escola, 89 estudantes (92.70%), disseram que acham que a escola não sabe lidar com a violência sofrida pelos estudantes homossexuais e apenas 07 estudantes (7.3%) responderam que as escolas de forma geral sabem lidar com a questão da violência com estudantes homossexuais. E importante destacar que os jovens estudantes pensam que a escola não sabe como lidar com a questão da violência e talvez, ouvi-los no sentido de saber como seria a melhor forma de se tratar essas questões fosse um caminho de juntos construírem soluções para essa problemática.

Quando questionados se achavam a escola deles um ambiente tranquilo para todos (as) estudantes 70 participantes (72.91%) disseram que acham a escola um ambiente seguro enquanto 26 (27,09%) afirmaram que a escola não é um ambiente seguro para todos (as). Diante das respostas temos o dado de que para a maioria dos estudantes, estar naquele espaço não é seguro. É importante a escola dialogar com os

estudantes sobre seus medos, receios e angústias a fim de amenizá-los e colaborar no seu desenvolvimento pleno.

Quando questionados se achavam que as piadinhas e/ou brincadeiras homofóbicas trazem sofrimento para as vítimas delas, 65 estudantes disseram que sim e 31 disseram que não. Essa foi uma questão aberta, mas a grande maioria dos pesquisados só respondeu com sim ou não. Apenas três estudantes escreveram mais na resposta:

“Acho que as pessoas que ficam com piadinhas homofóbicas deviam ser severamente punidas; depende da pessoa tem gente que se incomoda e tem gente que nem liga; Acho que brincadeira não ofende ninguém.”

Podemos perceber que a maioria dos estudantes considera infelizes as “brincadeiras” e piadas homofóbicas. Isso é um elemento que pode auxiliar a escola a traçar planos de ação para o combate ao bullying homofóbico que segundo a UNESCO (2013) pode tomar várias formas, como zombar de alguém, xingar, ridicularizar em público, fazer fofoca, intimidar, empurrar, bater, roubar ou estragar os pertences de alguém, e praticar isolamento social, Cyberbullying, agressão física ou sexual e ameaças de morte.

Conclusões

Podemos perceber que a maioria dos estudantes considera infelizes as “brincadeiras” e piadas homofóbicas. Isso é um elemento que pode auxiliar a escola a traçar planos de ação para o combate ao *bullying* homofóbico que pode tomar várias formas, como zombar de alguém, xingar, ridicularizar em público, fazer fofoca, intimidar, empurrar, bater, roubar ou estragar os pertences de alguém, e praticar isolamento social, Cyberbullying, agressão física ou sexual e ameaças de morte.

A partir da análise das respostas dadas pelos estudantes ao questionário pode se inferir que o maior problema é a falta de discussão sobre a temática. Eles apresentam muito mais desconhecimento do que preconceitos. Agora, se a lacuna da informação não for preenchida há uma grande probabilidade de que esses jovens vão se formando com práticas de discriminação e dependendo dos outros espaços de convivência desses estudantes, vá se desenvolvendo até as ações de homofobia. A escola precisa superar esse receio de discutir sexualidades e fazer o caminho inverso da lógica patriarcal e machista que tem sido a principal responsável pelas motivações de tantos crimes contra as mulheres e as pessoas

LGBTs no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, a escola que se apoia nas concepções respeito e tolerância deve ter a função de cuidar e educar de forma indissociável e precisa aliar-se com a família para o desenvolvimento de projetos voltados para o combate as opressões que estão presentes na sociedade e na escola. Ela deve ser é um espaço privilegiado por sua missão educativa, civilizatória e ética, podendo influenciar positivamente no processo de desconstrução de “verdades” pré-estabelecidas.

Entendendo a escola como sendo uma instituição que tem a função social imbricada no educar, acreditamos que ela precisa trabalhar projetos voltados para as questões de gênero, sexualidade e educação, desde a educação infantil, uma vez que é sabido por todos que no âmbito social ainda se propaga regras que não são mais consideradas corretas (ou hegemônicas) como escolher o azul para os meninos e rosa para as meninas, menino não arruma cozinha e a menina não pode brincar de carrinho. Questões simples como estas aqui destacadas colaboram para o preconceito e estereótipos que causam sofrimentos e exclusões.

Acreditamos que a escola é fundamental nesta transformação, na transmissão destes valores, pois todas as pessoas tem o direito de serem tratados com igualdade conforme reza o princípio da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade.” Precisamos colocar isso como pano de fundo nas ações pedagógicas dentro e fora da escola.

Referências

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei 8069 promulgada em 13 de julho de 1990.

BOBBIO, Norberto. **Elogio da Serenidade e outros escritos morais**. Tradução Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Trad. Guilherme João de Freitas Texeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CARTA DE FORTALEZA. Por uma educação transformadora: os sete saberes da educação para o presente. Conferencia internacional: Fortaleza, CE- SETEMBRO 2010 Disponível em: http://www.cgee.org.br/noticias/declaracao_fortaleza_portugues.pdf Acesso em: Jan. 2017.

CONNELL, R. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**, v20, n.2,1995.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*.

Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we do*. Oxford: Blacwell Publishing, 1993

LIONÇO, Tatiana e DINIZ, Debora. **Homofobia e educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: UnB, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1997.

MINAYO, Maria. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria. C. S (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.09-29.

OLWEUS, Dan. *Bullying at school: what we know and what we do*. Oxford: Blacwell Publishing, 1993

Resposta do Setor de Educação ao *bullying* homofóbico. – Brasília: UNESCO, 2013.

SABO, D. O estudo crítico das masculinidades. In: ADLMAR, M. e SILVESTRE, C.B. **Coletânea Gênero plural**. Curitiba: Editora UFRPR, 2012.

SANTOMÉ, Jujo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: Silva, Tomás Tadeu da (ORG.) *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis; Vozes, 2011.

VIANNA, Cláudia e RAMIRES, Lula. A eloquência do silêncio: gênero e diversidade sexual nos conceitos de família veiculados por livros didáticos. **Rev. psicol. polít.** [online]. 2008, v.8, n.16, p. 345-362. ISSN 1519-549X. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2008000200011&script=sci_abstract Acesso em: 24 Mar 2013.

